



## Camões, Mariana Alcoforado ou o vazio. Implicações culturais e identitárias do turismo em Portugal

Cristina Martínez Tejero

*Centro de Estudos Comparatistas, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Alameda da Universidade s/n, 1600-214, Lisboa, Portugal. E-mail: cristina10@campus.ul.pt*

**RESUMO.** Este artigo tem como origem a análise das interseções entre a literatura e a prática turística e pretende reflexionar sobre as dinâmicas culturais e identitárias geradas à volta de um dos fenómenos mais relevantes da contemporaneidade, o turismo. Concretamente, parte de um trabalho de campo que procura identificar a presença e funções da literatura nos materiais turísticos relativos a Portugal no período compreendido entre 1898 e 1989, para, a partir das deduções realizadas, refletir sobre os novos papéis atribuídos à literatura nas dinâmicas globais atuais e sobre o seu funcionamento distintivo relativamente a outras artes. A tendência detetada para a invisibilidade ou para a simplificação das formas culturais leva finalmente a questionar-nos sobre as implicações na configuração identitária de Portugal e sobre as suas consequências futuras.

**Palavras-chave:** identidade, literatura, prática turística, cultura, cânone.

## Camões, Mariana Alcoforado or the emptiness. Cultural and identity implications of tourism in Portugal

**ABSTRACT.** The origin of this article is the analysis of the intersections between literature and the tourist practice, in order to think about the cultural and identity dynamics that emerge from one of the most important phenomena today, tourism. The starting point for this study is a fieldwork that seeks to identify the presence and functions of literature in tourism materials about Portugal produced in the period between 1898 and 1989. The aim is to reflect on the new roles played by literature in the current global dynamics and its distinctive functioning in relation to other arts. The detected tendency to make invisible or to simplify cultural forms leads us to question about its implications in the identity of Portugal and its future consequences.

**Keywords:** identity, literature, tourist practice, culture, canon.

### Introdução

O turismo tem-se tornado um dos fenómenos mais representativos da contemporaneidade e da globalização promovendo milhões de deslocações anuais e uma multiplicidade de interações sociais e culturais, cuja complexidade só pode ser desvendada através de análises multiescala e transdisciplinares que consigam abranger as suas diferentes dimensões, tanto materiais como imateriais. Se a denominada ‘viragem espacial’ consagrou definitivamente o espaço como parâmetro analítico prioritário nas ciências sociais e humanas nas últimas décadas, a globalização intensificou e evidenciou processos culturais afetados pela sua relação com o território, tanto em fenómenos de desconexão como na reconfiguração e criação de novas ligações, um conjunto de processos para os quais García Canclini (1989) desenvolveu os conceitos de ‘desterritorialización’ e ‘reterritorialización’.

A condição do turismo como atividade prioritariamente económica – e especialmente explorada em espaços e tempos precarizados – teve como consequência, em termos analíticos, a centralidade de estudos económicos, empresariais ou de planeamento, se bem com um progressivo reforço da dimensão cultural, conforme assinalam Williams, Hall e Lew (2007), e que hoje ocupa um lugar principal graças aos contributos realizados a partir da antropologia e da sociologia. A emergência do denominado ‘turismo literário’ nos últimos lustros, conectado com a procura de novos nichos de mercado e produtos distintivos (associados também a um público com capitais culturais e económicos mais elevados do que os previstos no turismo de massas), põe em evidência as relações entre literatura e turismo, setores considerados tradicionalmente afastados, em grande parte pela referida dimensão económica do turismo e a inversão de lógicas que se

produz no campo literário, onde o acompanhamento de critérios mercantis está tradicionalmente penalizado (Bourdieu, 1983).

O ponto de partida para este artigo são precisamente as relações entre literatura e turismo, centradas, nesta ocasião, na presença de referências literárias nos materiais turísticos relativos a Portugal no período compreendido entre 1898 e 1989. O turismo é um elemento de contacto entre as sociedades contemporâneas e os materiais turísticos funcionam como apresentação das comunidades e das suas culturas pelo que é relevante comprovar em que medida a literatura participa – e os modos como o faz – deste fenómeno. Algumas das perguntas que se levantam têm a ver com a posição e funcionamento da literatura – tem a literatura presença nos materiais turísticos? quando e de que forma aparece? qual é a sua localização em relação a outras práticas artísticas? – mas também se procura observar o reflexo das dinâmicas de funcionamento do campo literário nos materiais turísticos, por exemplo, no grau de acompanhamento do processo de construção histórica do cânone.

### Desenho da investigação e corpus

Segundo Xerardo Pereiro (2009), os guias turísticos – referidos a pessoas que desenvolvem esta atividade, mas numa conceção que podemos alargar as obras deste tipo – atuam como mediadores entre locais e visitantes, isto é, apresentam uma determinada visão, não neutral, das realidades ‘dignas’ de visitar e participam na construção de imaginários turísticos. Sob estas premissas, procedeu-se a uma revisão dos materiais turísticos relativos a Portugal com o fim de identificar e analisar a presença de referências literárias neles. A seleção do corpus esteve regida por vários critérios: dimensão nacional; não distinção entre produtos realizados em Portugal e no estrangeiro; e organização cronológica e compreendida no período entre 1898-1989. Os motivos que explicam estas escolhas são: a vontade de focar produtos relativos a todo o país para perceber a interligação destas leituras com a representação nacional (é provável, aliás, que a informação sobre autoras/es ou obras literárias seja mais frequente nos materiais relativos a cidades); a pertinência de observar as diferenças entre as visões produzidas desde dentro do país e aquelas feitas por olhares estrangeiros, auto-imagem e hetero-imagem; finalmente e em relação à opção cronológica, considerou-se de interesse observar as mudanças oferecidas nos nomes e obras mencionadas segundo os processos de canonização ativos no campo académico e literário e, num

segundo nível, foi observado um incremento exponencial deste tipo de materiais a partir da década 90 do século XX – paralelamente a um crescimento notável do fenómeno turístico e do seu impacto em Portugal –, o que exigiria um estudo específico que atendesse a este grande número de obras e às novas dinâmicas geradas.

Não obstante, a fixação das obras concretas teve de enfrentar várias dificuldades ao não existir um catálogo ou listagem que dê conta dos materiais turísticos publicados sobre Portugal no século XX e os próprios obstáculos para fixar os elementos desta natureza realizados no estrangeiro. O procedimento para salvar estas dificuldades consistiu na consulta dos materiais classificados como guias de Portugal tanto no catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal, como na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian. Este critério imperfeito (por erros de catalogação, duplicações, ausências, etc.) tentou ser corrigido e complementado com procuras mais ocasionais nos catálogos destas instituições, assim como com a informação contida nalguns dos volumes consultados, nomeadamente em Proença (1991a). O corpus manejado neste estudo restringe-se, portanto, às possibilidades existentes e pretende ser mais representativo do que completamente abrangente. No total, foram consideradas cinquenta e cinco obras, com as características de distribuição temporal, origem e língua explicitadas nas Tabelas 1 e 2<sup>1</sup>.

**Tabela 1.** Datas e origem do corpus.

Data	Nº de obras	Portugal	Estrangeiro
1898-1909	5	3	2
1910-1919	6	4	2
1920-1929	5	4	1
1930-1939	5	3	2
1940-1949	6	6	0
1950-1959	8	1	7
1960-1969	8	3	5
1970-1979	8	1	7
1980-1989	4	1	3

**Tabela 2.** Relação entre origem e língua do corpus.

Origem   Língua	Nº de obras
Portugal – Português	24
Portugal – Não português	4
Estrangeiro – Não português	28

<sup>1</sup>Com o fim de não sobrecarregar este texto, oferece-se aqui uma apresentação breve do corpus utilizado. Mais informação sobre os critérios empregados para a sua fixação e características das obras, assim como a listagem completa e algumas deduções sobre a natureza e evolução do fenómeno turístico, particularmente em Portugal, podem ser localizadas em Martínez Tejero (2016). Saliento, apenas, alguns dados sobre as cifras aqui colocadas: na contagem total são contempladas as distintas edições e volumes das obras consultadas se tivessem sido publicadas em diferentes anos. A única exceção é o cómputo como uma única obra dos 4 volumes pertencentes a *Portugal económico monumental e artístico* (Editorial Lusitana, 1935, 1939, 1940, 1992), dado tratar-se de uma coletânea de fascículos que viram a luz de forma independente e sem datas conhecidas. Por outro lado e no que diz respeito à língua (Tabela 2), a tradução para português da obra de Renault (1957) é contada como produzida em Portugal e em português; procedeu-se, ainda, a duplicar neste cómputo a publicação da Sociedade de Propaganda de Portugal (1915), por ter tanto como uma versão em português como traduções independentes em inglês, francês e espanhol.

Estamos, portanto, ante um período muito extenso em que muda consideravelmente o fenómeno turístico e em que se vai configurando o que hoje conhecemos como guia: de orientação prática, pequeno formato, informação simples e clara, etc. Os próprios critérios de seleção definidos para o corpus atribuem à catalogação das bibliotecas um papel performativo, isto é, foram considerados – com poucas exceções – aqueles materiais classificados como ‘guias’ independentemente da realidade das obras. Isto faz com que o conjunto de exemplares contemplado apresente notáveis diferenças e ofereça um leque de materiais muito diverso, cuja conexão com o turismo pode ser mais ou menos direta. Por outro lado, as funções e público dos guias também experimentaram modificações com o avanço do tempo, de forma que as primeiras publicações saídas em Portugal estão claramente destinadas a incentivar o conhecimento do território por parte da população própria – “[...] guiar mesmo os portugueses nos seus passeios e peregrinações [...]” (Proença, 1991b, p. XL) –, promovendo uma nova visão sobre o país e contribuindo para um processo de reafirmação nacional.

### A literatura nos materiais turísticos

A presença da literatura portuguesa nas cinquenta e cinco obras consultadas é muito desigual, com uma ampla tendência para a ausência ou aparição ocasional. Em vários casos – por exemplo, Baginha (1911), Costa (1913), Sociedade de Propaganda de Portugal (1915), Secretariado Nacional de Informação [SNI] (1950) ou Miranda e Teodoro (1989) – não existe qualquer referência a nomes ou obras literárias, o que se justifica pelo carácter breve e prático destes materiais. De facto, o modelo normalizado que hoje conhecemos como guia – e do qual já é possível encontrar uns precedentes bastante definidos nos guias Baedeker ou na coleção *Les Guides Bleus* – consagra como ponto central dos seus conteúdos a informação útil sobre a estadia, transporte e itinerários a realizar, além de conteúdos ‘culturais’ mínimos como a gastronomia ou os monumentos.

Em vista disso, podemos afirmar que a informação literária é acessória nos materiais turísticos. Torna-se, deste modo, relevante pensar em como e quais são os motivos pelos quais estes dados são introduzidos, o que permite observar notáveis diferenças em cada caso. Uma avaliação geral dá para perceber dois possíveis métodos de entrada: como parte de um capítulo introdutório ou como referências, habitualmente pouco centrais, dentro da informação turística propriamente dita. No primeiro caso, trata-se de um modelo associado

principalmente a obras com origem e público destinatário no estrangeiro que contêm umas páginas iniciais com conhecimentos adicionais sobre o país, com o fim de facilitar a compreensão e proporcionar um maior número de recursos a eventuais visitantes. Acontece isto, por exemplo, nas diversas entregas da coleção *Les Guides Bleus* (Monmarché, 1931, 1935; Ambrière, 1953, 1973; Barbey, 1989) que contam com um ‘*Aperçu littéraire*’ que complementa outras introduções (geográfica, económica, histórica, artística, linguística, etc.). Outros casos que funcionam com um esquema semelhante são Fodor (1952, 1960, 1963), Philippon (1956) ou Sobański (1976)<sup>2</sup>. Uma situação particular é a identificada no guia redigido pelo reconhecido lusitanista Paul Teyssier (1963), inserido numa coleção destinada a público não especializado, e onde, ante a inexistência de um capítulo específico, inclui informações sobre factos literários dentro da cronologia, “As datas essenciais da história de Portugal”<sup>3</sup> (Teyssier, 1963, p. 7-15).

Quando as referências literárias estão inseridas dentro dos itinerários sugeridos ou da descrição de localizações, este tipo de informação surge prioritariamente ligada a espaços que são ou onde se localizam: lugares de vida dos autores ou autoras (nascimento, etapa vital, morte); paisagens ou espaços cantados/literaturizados; monumentos ou museus sobre figuras ou eventos (reais ou ficcionais). Na maior parte dos casos, o tratamento é análogo ao de outras personagens históricas, que são referidas nestes materiais na medida em que algum elemento evocativo da sua vida ou da sua produção criativa tenha presença no espaço público. Um exemplo significativo disto é a entrada de Camões em várias destas obras a partir da praça com o seu nome existente em Lisboa (Baedeker, 1898, 1908, 1920; Empresa Nacional de Navegação, 1907; Kite & Kite, 1989). O mesmo acontece com Bocage e a praça a ele dedicada em Setúbal, no caso de Kite e Kite (1989, p. 41):

A parte mais interessante da cidade é o centro histórico em torno da Praça Bocage. (Bocage, um dos poetas mais famosos de Portugal, nasceu em Setúbal no século XVIII).<sup>4</sup>

<sup>2</sup> Existe uma diferença notável a este respeito consistente no facto de, na coleção *Les Guides Bleus* e nos guias Fodor, estes textos sobre a literatura portuguesa estarem assinados por autores reconhecidos e diferentes dos responsáveis da informação global. Assim, o ‘*Aperçu littéraire*’ é da autoria de Raul Proença – antigo diretor adjunto da Biblioteca Nacional de Portugal, exilado em Paris e principal impulsor do *Guia de Portugal* – nas edições de 1931 e 1935; de Armand Guibert – *Ancien professeur à l’Institut Français au Portugal* e responsável pelas traduções de Fernando Pessoa para francês – em 1953 e 1973; e de Lucien Castela – *Professeur à l’université de Provence* – em 1989 (já sob a epígrafe *La littérature portugaise*). No caso dos guias Fodor, os capítulos ‘*A glimpse of arts and letters*’ foram redigidos por José A. (Augusto) dos Santos, apresentado como jornalista do Centro de Informação Portuguesa de Genebra.

<sup>3</sup> “Les dates essentielles de l’histoire portugaise”.

<sup>4</sup> “The most interesting part of the city is the old town center around Bocage

Ainda, a respeito de Camões, cabe destacar a frequente descrição nestas referências do monumento em sua honra localizado na referida praça que leva o seu nome; esta tendência é também verificável em relação à escultura em homenagem a Eça de Queirós, localizada nas proximidades da Praça de Camões da capital portuguesa e da autoria do reconhecido escultor Teixeira Lopes (Baedeker, 1908, 1920; Empresa Nacional de Navegação, 1907; Sociedade de Propaganda de Portugal, 1908). A modo de exemplo é reproduzido a seguir um trecho da obra promovida pela Empresa Nacional de Navegação (1907, p. 61-62) que versa precisamente sobre estes pontos:

Praça de Luiz de Camões, onde está a estátua ao immortal poeta do mesmo nome, trabalho de Victor Bastos, inaugurada em 1867. [...] no topo, está a estátua pedestre do poeta, tendo na mão direita, uma espada desembainhada, e na esquerda, um livro, representando os 'Lusiadas', a sua obra prima, o grande poema épico, publicado em 1572, e universalmente conhecido, commemorando as acções heroicas dos Lusos. [...] surge o busto de Eça de Queiroz, poeta e contista notavel. O busto tem a cabeça inclinada, observando a figura da Verdade, representada pelo corpo de mulher, de braços abertos, tendo como unico vestuario, um manto muito leve, cingindo-lhe a parte inferior do corpo, deixando perceber a esthetica das suas formas. A parte superior do corpo, n'um reclinar gracioso, permite-lhe fixar o poeta, em calma adoração.

No que diz respeito aos episódios de vida ligados a localizações e a eventual entrada por esta via de nomes ou referências literárias, podem ser mencionadas as alusões à casa de nascimento de Almeida Garrett (Sociedade de Propaganda de Portugal, 1908), à casa de Tormes "[...] tão familiar de Eça de Queiroz [...]" (Sant'Anna, 1996, p. 627) ou a S. Miguel de Seide e a casa de Camilo Castelo Branco (Sant'Anna, 1996). Igualmente, nos parágrafos dedicados a Coimbra, várias obras introduzem o nome de Camões a partir do seu possível nascimento na cidade ou a passagem pela sua universidade – por vezes, com referência ao busto que o representa ou complementando o seu nome com o do poeta Sá de Miranda – (Baedeker, 1898, 1908; Empresa Nacional de Navegação, 1907; Seth, 1976; Zehnhoff, 1979). Mais um exemplo nesta orientação guarda relação com a cidade de Leiria, lugar de origem do 'poeta' Francisco Rodrigues Lobo (Baedeker, 1898) e localização de uma das obras mais célebres de Eça de Queirós, *O crime do Padre Amaro* (Teyssier, 1963).

Existem, no entanto, diferenças importantes entre as obras estrangeiras e portuguesas quanto à presença de informação literária. Por motivos óbvios, os guias destinados ao consumo interno habitam conter – naqueles casos em que há referências literárias, o que nem sempre acontece – uma maior profundidade e diversidade nas suas focagens. A obra mais representativa deste tipo, o *Guia de Portugal* – dirigida por Raúl Proença (1991a, 1991b), num primeiro momento, e posteriormente por Dionísio Sant'Anna (1993, 1994a, 1994b, 1995a, 1995b, 1996), com oito volumes publicados entre 1924 e 1970 –, demonstra precisamente esta relação particular com a literatura, estabelecendo um diálogo mais acentuado com ela, o que não deve ser desligado do facto de tratar-se de uma obra de origem culta e com um formato enciclopédico, dificilmente reproduzível ou válido na atualidade para um guia turístico. O prefácio, assinado por Raúl Proença em 1924, inclui entre os propósitos desta obra a de ser (Proença, 1991a, p. LIX-LX):

[...] uma antologia da literatura pitoresca [...] e onde se reúnam as páginas mais evocativas dos nossos escritores, desde que o sentimento da natureza fez irrupção na literatura nacional, com Fr. Luís de Sousa, Rodrigues Lobo e Miguel Leitão de Andrade, até à paisagem mais arejada, mais colorida e mais precisa da moderna escola pseudo-realista [...].

Os volumes deste guia contam, de facto, com a colaboração de diversos escritores, como Raul Brandão, e reproduzem textos de Teixeira de Pascoais, Miguel Torga, o próprio Raul Brandão, etc. Novamente a inclusão de versos ou fragmentos literários e a referência a autores está ligada a localizações, tal como evidencia a citação de versos de Fr. Agostinho da Cruz – poeta místico do século XVII – ao descrever a Arrábida, por ser este o seu lugar de vida e espaço refletido nas suas composições (Proença, 1991a).

Estes usos não são muito diferentes aos localizados nos volumes de *Portugal monumental e artístico* (Editorial Lusitana, 1935, 1939, 1940, 1942), composto por fascículos dedicados a concelhos do norte do país (provavelmente o projeto ficou incompleto), e que apresenta na sua formulação um carácter também enciclopédico com fixação de múltiplas informações sobre cada divisão administrativa, numa dimensão que ultrapassa a função turística, como demonstram os dados económicos, demográficos ou sobre edifícios públicos nela contidos. A obra compõe-se de textos de diversos autores e autoridades locais que se responsabilizam pelos conteúdos de cada localidade. Interessa, não obstante, destacar a função de revalorização e de dotação de significado simbólico

Square. (Bocage, one of Portugal's most famous poets, was born in Setubal in the 18<sup>th</sup> century).

que a reprodução de textos literários tem nestas páginas, testemunhando o valor dos espaços descritos. Assim, uns versos de António Feijó sobre Ponte de Lima vão precedidos da seguinte afirmação (Editorial Lusitana, 1935, p. 21):

Poetas e prosadores têm exaltado, em cantantes rimas e hinos veementes, êste cenário idílico, e muito paisagistas lhe recolheram e fixaram em telas de estonteante colorido, aspectos e figuras do maior pitoresco.

Mais para a frente, existe uma secção específica dedicada às ‘Musas limianas’ (Editorial Lusitana, 1935), onde é referido o grande número de poetas ligados a esta localidade e transcrito um poema de inspiração romântica assinado por Maria Manuela<sup>5</sup> e datado de 1933. Isto situa-nos ante uma nova dinâmica de funcionamento, ao não tratar-se de uma autora reconhecida senão que a sua presença nestas páginas responde ao conteúdo quase etnográfico dos seus versos que representam literariamente os valores do município. Consequentemente, o vínculo local sobrepõe-se à canonicidade, nalguns casos.

Outras modalidades mediante as quais textos ou referências autorais podem entrar nestas páginas são as citações localizadas no início de uma obra, que situam e orientam a sua leitura, além de denotar capitais culturais ou evidenciar os vínculos de figuras egrégias a uma determinada localidade. Não obstante, trata-se de uma fórmula não muito frequente, só identificada numa pequena parte do corpus delimitado. Mais relevante é a introdução de literatura oral, tanto lendas como quadras populares, que serve nestes materiais novamente como ilustração dos espaços descritos; vejam-se, por exemplo, as secções sobre ‘Lendas, superstições e curiosidades’ em Editorial Lusitana (1935, 1939, 1940, 1942) ou nas páginas de Proença (1991b) e Sant’Anna (1995a). Este tipo de conteúdos tem sobretudo entrada nos materiais destinados à população de Portugal, se bem existem algumas exceções como a obra *Sunny Portugal* (Governo Português, 1913) que se inicia com uma imagem do Castelo de Almourol e a lenda correspondente, o que deve ser associado ao tom quase literário que caracteriza este opúsculo, que pretende construir um imaginário turístico atrativo sobre Portugal a partir de elementos românticos associados ao passado longínquo, ao amor ou ao mistério. Um outro caso de repertório lendário presente nos guias, especialmente nos destinados ao público estrangeiro, p. 113; Teyssier (1963), é o relativo a Inês de Castro,

cujas histórias é referida de maneira recorrente nestas páginas (Empresa Nacional de Navegação, 1907, p. 177, 190-191; Governo Português, 1913, p. 22; Philippon, 1956, p. 112-114; Teyssier, 1963, p. 33, 55 e ss; Seth, 1976, p. 19); em não poucas ocasiões este episódio mítico é posto em relação com o relato feito sobre ele no canto terceiro dos *Lusíadas* (Baedeker, 1898, 1908; Philippon, 1956).

### Cânone e imposturas

Segundo se pode deduzir dos parágrafos anteriores, o autor com maior número de ocorrências nos materiais turísticos sobre Portugal é Luís de Camões, frequentemente mencionado de forma conjunta com a sua obra *Os Lusíadas* que, aliás, funciona nalguns casos como referente principal, a partir do qual é dado o nome do autor (Zehnhoff, 1979). Sobre *Os Lusíadas*, há duas ideias força constantemente citadas: o facto de tratar-se do grande poema épico português (Baedeker, 1898; Empresa Nacional de Navegação, 1907; Monmarché, 1931; Philippon, 1956; Duval & Duval, 1975; Barbey, 1989; Kite & Kite, 1989) e a sua ligação com o ‘período dos descobrimentos’ – segundo a etiqueta crítica consagrada pela historiografia portuguesa – (Fodor, 1952; Duval & Duval, 1975; Zehnhoff, 1979). Porém, junto com estes referentes orientados para uma leitura nacional, algumas observações dão igualmente conta da sua dimensão internacional e universal, “[...] dépasse largement le cadre du Portugal [...]” (Duval & Duval, 1975, p. 176) ou “[...] non seulement l’épopée nationale des Portugais, mais la plus grande épopée du monde moderne” (Monmarché, 1931, p. LV).

No caso dos materiais portugueses, o reconhecimento e aceitação dos *Lusíadas* como obra central do cânone promove a sua menção sem referir a Camões (Secretariado Nacional de Informação, 1950) ou a incorporação de trechos conhecidos, que pretendem representar e contribuir para a coesão nacional, tal como é visível na citação de abertura dos volumes de *Portugal económico, monumental e artístico* (Editorial Lusitana, 1935, 1939, 1940, 1942), onde são reproduzidos os quatro famosos versos do canto terceiro iniciados por “Esta é a ditosa pátria minha amada [...]”. Deve ser ressaltada, ainda, a inclusão de fragmentos desta obra em guias estrangeiros, principalmente em Baedeker (1898) que, para situar a geografia portuguesa e ao abordar a história de Inês de Castro, inclui passagens da tradução inglesa dos *Lusíadas*, realizada em 1880 por Richard Francis Burton. A ausência destes trechos nas versões em francês dos guias Baedeker consultados (1908 e 1920), que apresentam os mesmos conteúdos a exceção desta omissão,

<sup>5</sup> Maria Manuela Couto Viana (1913-1983) foi uma atriz e escritora portuguesa, cujo percurso literário é bastante reduzido e decorre principalmente a partir da década de 40.

evidencia a dependência de traduções já existentes com circulação no país de destino. Neste sentido, várias obras francesas da segunda metade do século XX (Teyssier, 1963; Duval & Duval, 1975) remetem como leitura complementar para a tradução dos *Lusiadas* de Roger Bismut e só publicada em 1954.

A presença de outras e outros autores literários nestas páginas depende muito do tipo da obra e da sua autoria. Alguns dos nomes habitualmente aludidos – no contexto da escassez já mencionada – são os de Sá de Miranda, Gil Vicente, Almeida Garrett ou Eça de Queirós, sempre com distintas funções e motivos nos fragmentos considerados, porém, com algumas constantes, como a referência à dimensão nacional do seu trabalho – de Gil Vicente é salientado, por exemplo, o seu papel na “[...] criação do teatro nacional [...]”<sup>6</sup> (Monmarché, 1931, p. LV) – ou alguns traços específicos como a utilização das obras de Eça de Queirós para espelhar as mudanças sociais e históricas, como farão Teyssier (1963) ou Tuohy (1970). Este último justifica-o da seguinte forma (Tuohy, 1970, p. 9):

E eles têm, pelo menos, um grande romancista em Eça de Queiroz, cujos romances dão uma imagem sincera da vida do século XIX como qualquer outra literatura francesa ou russa. É tentador usar Eça, como é conhecido, como referência para todos os aspetos da vida nacional, pois o seu leque é vasto e tem um olho perfeito para os detalhes<sup>7</sup>.

Aquelas obras que apresentam algum tipo de introdução literária ou secção equivalente contêm uma relação de nomes muito mais alargada, com um acompanhamento do cânone bastante próximo do que hoje é reconhecido como tal – veja-se, por exemplo, o ‘Aperçu littéraire’ de Les Guides Bleus em Monmarché (1931) ou Ambrière (1953) –, se bem com fenómenos como a simplificação (é o caso de Philippon, 1956) ou a seleção realizada de acordo com determinadas coordenadas ideológicas, como parece querer significar a importância atribuída ao neorrealismo na obra de Sobański (1976), realizada na Polónia após o 25 de abril.

Nesta mesma orientação, alguns autores são referidos ou destacados em virtude do conhecimento existente sobre eles no país recetor da obra, como acontece com Júlio Dantas em Monmarché (1931) ou, em décadas posteriores, com Ferreira de Castro (Philippon, 1956, p. 118):

Hoje, não se conhece na França praticamente nenhum escritor português contemporâneo além do

grande romancista Ferreira de Castro, autor da admirável *A Selva* [Forêt Vierge]<sup>8</sup>.

Este último autor é também mencionado por Nojorkam (1956) ou Teyssier (1963) quem selecciona outro romance, *Les brebis du Seigneur* [A Lã e a Neve], dentro das suas *Quelques œuvres révélatrices traduites en français*. Por outro lado, alguns nomes de reconhecimento internacional têm também entrada nestas páginas como fonte de legitimação ou como elemento de aproximação. É o caso dos poetas ingleses Lord Byron ou Southey, referidos relativamente a Sintra (Empresa Nacional de Navegação, 1907; Monmarché, 1931; Teyssier, 1963; Tuohy, 1970) ou a conexão estabelecida por Pillement (1967) entre a cidade de Silves e a obra *As mil e uma noites*. Neste sentido, devemos acrescentar, ainda, as alusões muito habituais nos materiais estrangeiros ao falar de Beja a Mariana Alcoforado – como possível autora de *Lettres Portugaises*, publicada em francês no século XVII e com uma ampla projeção internacional –. Clark (1953, p. 143-144) – numa das poucas referências literárias existentes na sua obra – afirma:

*As cartas portuguesas* [Five Letters of a Portuguese Nun] constituem uma parte imortal da literatura universal, embora ainda existam críticos ocasionais que duvidam da sua autenticidade, como também há um crítico ocasional que questiona a autoria das peças de Shakespeare [...] <sup>9</sup>.

mas podemos encontrar também menções em Ambrière (1953), Renault (1957) ou Zehnhooff (1974).

O facto de abordar um período cronológico extenso permite igualmente observar os processos de mudança e construção do cânone na medida em que eles são refletidos nestas páginas. Assim, podemos constatar como autores valorizados numa determinada altura vão perdendo a sua posição central com o passo do tempo; por exemplo, Augusto Gil é referido como “[...] admirável poeta, um dos maiores líricos portugueses” (Editorial Lusitana, 1940, p. 113) e é também citado em Monmarché (1931) ou em Philippon (1956), enquanto hoje é considerado uma figura relativamente secundária. Da mesma forma, é possível verificar a primeira entrada de autores, como Eça de Queirós, não referido no primeiro Baedeker (1898) mas sim na edição deste guia de 1908 (Baedeker, 1908), ou aqueles ligados ao movimento da *Presença*, citados na obra de Ambrière (1953) e com a valorização da figura de José Régio, especialmente no caso da obra de Nojorkam (1956), quem chega a ter contacto pessoal com ele, mas também em Sobański (1976).

<sup>6</sup> “[...] création du théâtre national [...]”.

<sup>7</sup> “And they have at least one great novelist in Eça de Queiroz, whose novels give as candid a picture of nineteenth-century life as any outside French or Russian literature. It is tempting to use Eça, as he is always known, as a reference for every aspect of national life, for his range is wide and he has a perfect eye for detail”.

<sup>8</sup> “Aujourd’hui, on ne connaît guère en France comme écrivain portugais contemporain que le grand romancier Ferreira de Castro, auteur de l’admirable ‘Forêt Vierge’”.

<sup>9</sup> “Five Letters of a Portuguese Nun constitute an immortal portion of world literature, though there is still occasional critics who doubts their authenticity, as there is also an occasional critic who questions the authorship of Shakespeare’s plays [...]”.

Dado o período contemplado e a importância da figura de Fernando Pessoa na atualidade, torna-se necessário notar que a sua incorporação ao mesmo nível que Camões é apenas realizada nestas obras na entrega de *Les Guides Bleus* de 1989 (Barbey, 1989). Previamente, Pessoa é introduzido com bastante detalhe em Ambrière (1953) mas chama a atenção as escassas referências localizadas em obras das décadas de 60 e 70, com menções muito ocasionais em Tuohy (1970), Sobański (1976) ou surpreendentemente em Teyssier (1963), lusitanista reconhecido que só alude ao criador dos heterónimos na cronologia pela data da sua morte ou na recomendação de leituras. Inclusive, casos como o de Zehnhoff (1979), que apresenta um relativo interesse em mostrar conteúdos culturais, não inclui nenhuma menção a este autor.

Ainda, é possível observar imposturas ou erros na informação literária oferecida nestes materiais. Estas deficiências são de diverso tipo como a escrita errada de títulos, como *O condestable (sic) do (sic) Portugal* (Baedeker, 1898 –grifo do autor) –; mas também a inclusão de informação enviesada como a afirmação de que a principal obra do poeta Francisco Rodrigues Lobo é precisamente *O condestable do Portugal* ou as referências a Eça de Queirós como “[...] poeta e romancista [...]”<sup>10</sup> (Baedeker, 1908, p. 474-475), ‘poeta e contista’ ou simplesmente como ‘poeta’ (Empresa Nacional de Navegação, 1907), sendo o cultivo da poesia certamente menor dentro da produção literária deste autor, embora possamos considerar este tratamento como uma classe de formalidade expressiva.

### Literatura face a outras artes

Apesar das argumentações expostas até o momento, já foi mencionada a posição acessória da informação literária nos materiais turísticos. Os títulos que subdividem a secção genérica dedicada a ‘Figuras egrégias nascidas no concelho’ na obra *Portugal económico, monumental e artístico* (Editorial Lusitana, 1935, 1939, 1940, 1942) – ‘Pintura e desenho’, ‘Escultura’, ‘Arquitectura’, ‘Literatura, ciências, política, etc.’ – demonstram precisamente o papel secundário atribuído à literatura, numa conceção que parece estender-se a uma dimensão social. Uma constante dos guias turísticos é o destaque dado ao património material das localizações escolhidas – monumentos, igrejas, arquitetura civil, jardins, etc –, assim como às artes plásticas e aos museus, como espaço privilegiado para a sua contemplação. Como é esperável, os exemplos nos materiais consultados são recorrentes, dominando as indicações do património arquitetónico ou dos espaços museológicos a visitar; repare-se, neste sentido, na obra de Costa e Ornellas (1930) que, sem especial

interesse pelos elementos culturais, incluem plantas de alguns dos museus mais relevantes da capital.

Na sua qualidade de formas culturais privilegiadas é oportuno constatar o tratamento dado às formas artísticas portuguesas que, por exemplo, têm apartados introdutórios específicos nas distintas edições de *Les Guides Bleus* ou em Philippon (1956); uma cronologia própria – ‘História da arte portuguesa’ – paralela à dedicada à história do país na *Cartilha da Terra Portuguesa* (SNI, 1950); uma epígrafe sobre escultura e pintura em Zehnhoff (1979); ou um ‘Índice alfabético de artistas citados’ – com nomes de escultores, arquitetos ou pintores – em Proença (1991a) e, com diferentes denominações, também nas outras edições do *Guia de Portugal*. Nesta orientação e dado o papel referencial atribuído aos azulejos na identidade portuguesa hoje, é oportuno mencionar a sua introdução ocasional nos primeiros materiais – em Monmarché (1916), alude-se a eles, mas sem estabelecer uma conexão direta com a configuração identitária portuguesa –, enquanto os guias realizados a partir da década de 50 – por exemplo, Fodor (1952); Hogg (1954); Tuohy (1970) ou Zehnhoff (1979) – demonstram o progressivo aumento do interesse por este elemento segundo os parâmetros hoje estabelecidos. É Paul Teyssier (1963) quem exemplifica no seu texto a projeção de certos valores associados a Portugal sobre os azulejos (Teyssier, 1963, p. 135): “É, sem dúvida, essa delicadeza amável, unida ao seu lirismo às vezes afetado, que os coloca tão perfeitamente de acordo com um certo lado da alma portuguesa”<sup>11</sup>.

A posição preferencial da informação artística nos materiais turísticos deriva, no caso luso, no destaque privilegiado do denominado estilo manuelino (Pillement, 1965, p. 13):

Com o reinado de D. Manuel (1495-1521), que corresponde às grandes descobertas marítimas dos portugueses com as viagens de Vasco da Gama às Índias e de Cabral ao Brasil, nasce uma arte profundamente original, o estilo manuelino, que é, tal como o estilo isabelino ou plateresco na Espanha, um ramo particularmente florescente do estilo gótico ornamentado<sup>12</sup>.

O estabelecimento de uma identificação entre este estilo e a nação portuguesa são constantes, com afirmações que dão conta do seu caráter ‘intrinsecamente português’ e, portanto, distintivo face a outras realidades. Assim, algumas das expressões a ele dedicadas são: “[...] tão caracteristicamente

<sup>10</sup> “[...] poète et romancier [...]”.

<sup>11</sup> “C’est sans doute cette délicatesse aimable, jointe à leur lyrisme parfois maniéré, qui les mettent si parfaitement en accord avec un certain côté de l’âme portugaise”.

<sup>12</sup> “Avec le règne du roi Manuel (1495-1521), qui correspond aux grandes découvertes maritimes des Portugais avec les voyages de Vasco da Gama aux Indes et de Cabral au Brésil, prend naissance un art profondément original, le style manuelin, qui est, de même que le style isabélin ou plateresque en Espagne, une branche particulièrement épanouie du style gothique fleuri”.

português<sup>13</sup> (Governo Português, 1913, p. 8), “[...] estilo puramente nacional [...]”<sup>14</sup> (Philippon, 1956, p. 119) ou “[...] estilo propriamente português”<sup>15</sup> (Pillement, 1965, p. 13). Ainda, Duval e Duval (1975, contracapa), cuja obra está dedicada precisamente a explorar Portugal a partir deste estilo artístico, definem-no como<sup>16</sup>: “Uma arte exuberante e misteriosa [...] dos monumentos que refletem o espírito dos Grandes Descobrimentos e o êxtase das conquistas”<sup>17</sup>.

A interligação entre o estilo manuelino, a época dos descobrimentos e a identidade nacional encontra ainda um quarto elemento nestes materiais, reflexo, aliás, de algumas das construções ideológicas com mais sucesso nos campos intelectuais e de produção ideológica portugueses. Trata-se da formulação, originária de Teófilo Braga, do “[...] século XVI, o das Descobertas, como o grande momento português (com Camões como emblema)” (Torres Feijó, 2008, p. 314), ideia recorrente e consolidada durante o regime de Salazar (Polanah, 2011). Neste sentido, a informação literária proporcionada nos materiais turísticos vai espelhar este quadro de ideias, com uma exaltação desse período e particularmente dos *Lusíadas* e de Camões como expressão máxima. Assim, em Monmarché (1935, p. LVI) alude-se a que “[...] a literatura portuguesa gira em torno dos empreendimentos marítimos que eram, por assim dizer, naquela época a a obsessão nacional [...]”<sup>18</sup> e Philippon (1956, pp. 117-118) qualifica a literatura do século XVI como “[...] a idade de ouro [...]”<sup>19</sup>. O contributo José Augusto dos Santos em Fodor (1952) é claramente exemplificativo neste sentido (Fodor, 1952, p. 308): “Tal como acontece com a literatura, foi o grande período marítimo dos descobrimentos que deu à arte portuguesa a sua expressão real – real no sentido de nacional [...]. Camões cantou esse período; Nuno Gonçalves pintou aqueles que o viveram”<sup>20</sup>.

Outro fragmento deste mesmo autor reforça precisamente estes laços entre esplendor nacional e literário, pelo que a decadência de Portugal como reino independente levou, segundo ele, à perda de

qualquer grau de originalidade na sua literatura (Fodor, 1952, p. 307):

[...] quando, meio século depois, Camões cantou a chegada da grande frota de Vasco da Gama à Índia, fez isto num poema épico. A principal razão para a mudança é que, durante esses 50 anos, Portugal escreveu um dos capítulos mais interessantes, românticos e heroicos da história. Os oceanos foram conquistados, ilhas e terras descobertas e continentes delineados. A literatura acompanhou a história nesta cavalcada desconcertante. Grandes homens de letras como Pedro Nunes, ensaísta e matemático, André de Resende, humanista, Damião de Góis, historiador, Gil Vicente, dramaturgo, Sá de Miranda, poeta, e Fernando Mendes Pinto, aventureiro, viveram durante este meio século e tornaram-no ilustre. Camões é, no entanto, a figura mais notável do período. Os seus *Lusíadas*, que exalta a glória da idade de ouro de Portugal, é uma das joias literárias do mundo. Camões morreu no momento em que a Espanha, através da força, conseguiu a união política com Portugal. Uma coincidência, talvez, mas que assumiu o valor emocional de um símbolo. A partir desse momento, a literatura portuguesa limita-se a refletir influências estrangeiras: o neoclassicismo francês, o romantismo inglês e o realismo europeu. Foi apenas no final do século passado (sobretudo na sátira e no romance social) que os escritores portugueses começaram a tentar encontrar fontes de inspiração mais pessoais e autênticas<sup>21</sup>.

### Considerações finais

Este trabalho surgiu de um duplo interesse: pensar os mecanismos de funcionamento da literatura hoje e contribuir para a compreensão das dinâmicas culturais e da sua interação com fenómenos sociais atuais, entre os quais o turismo funciona como elemento omnipresente, com ações como a apresentação e descrição de culturas (sempre com um grau de profundidade e ‘fidelidade’ variável). A dimensão performativa da atividade turística fica evidenciada na instrumentalização de elementos culturais, principalmente por interesses económicos, o que, de forma frequente, deriva na modificação das práticas originárias, segundo

<sup>13</sup> “[...] so characteristically Portuguese”.

<sup>14</sup> “[...] style purement national [...]”.

<sup>15</sup> “[...] style proprement portugais”.

<sup>16</sup> Proença (1991a) oferece uma aproximação muito mais profunda sobre o estilo manuelino, com a identificação de diferentes correntes e da sua evolução. Não existe nesta obra um tratamento direto como ‘estilo nacional’, embora sim seja projetada sobre ele uma ideia de coletividade: “E a arquitetura, melhor que nenhuma outra arte, por isso que é o verbo colectivo por excelência, reflecte, através dos mestres manuelinos, portugueses ou nacionalizados, o sentimento da comunidade” (pp. 85-86).

<sup>17</sup> “Un art exubérant et mystérieux [...] des monuments qui traduisent l'esprit des Grandes Découvertes et l'ivresse des conquêtes”.

<sup>18</sup> “[...] la littérature portugaise gravite autour des entreprises maritimes qui furent, pour ainsi dire, à cette époque l'idée fixe nationale [...]”.

<sup>19</sup> “[...] l'âge d'or [...]”.

<sup>20</sup> “As with literature, it was the great maritime period of discovery which gave Portuguese art its real expression – real in the sense of national [...]. Camoens sang of this period; Nuno Gonçalves painted those who lived it”.

<sup>21</sup> “[...] when, a half century later, Camoens sang of the arrival of the great Vasco's fleet in India, he did so in an epic poem. The prime reason for the change is that during those 50 years Portugal had written one of the most interesting, romantic and heroic chapters of history. Oceans were conquered, islands and lands discovered and continents outlined. Literature escorted history in this bewildering cavalcade. Great men of letters such as Pedro Nunes, essayist and mathematician, Andre de Resende, humanist, Damaio de Goes, historian, Gil Vicente, playwright, Sa de Miranda, poet, and Fernando Mendes Pinto, adventurer, lived during this half century and made its illustrious. Camoens, however, is the outstanding figure of the period. His *Lusíades* which extols the glory of Portugal's golden age is one of the world's literary jewels. Camoens died at the time that Spain, through force, had succeeded in bringing about political union with Portugal. A coincidence, perhaps, but one which has taken on the emotional value of a symbol. From that time onward, Portuguese literature is limited to reflecting foreign influences: French neo-classicism, English romanticism, and European realism. It was only at the end of the last century (above all in satire and the social novel) that Portuguese writers began try to find more personal and authentic sources of inspiration”.



processos complexos de diálogo e simbiose entre realidades, projeções e discursos, tanto próprios como alheios.

O ponto de partida estabelecido para este estudo, a presença e funções da literatura nos materiais turísticos pode, em certa medida, parecer pouco relevante à luz da evidência de não tratar-se de uma informação privilegiada nestas fontes. Não obstante, é interessante reparar no processo de configuração histórica que permitiu a naturalização desta característica. Tendo, aliás, em conta a centralidade simbólica da literatura dentro dos campos culturais ocidentais ao longo do século XX, a sua (relativa) ausência nos materiais turísticos faz-nos pensar na superficialidade ou imagem distorcida oferecida sobre as realidades sociais e culturais que pretendem promover. O seguinte trecho da obra *Portuguese Journey* – livro sem referências literárias ou culturais de interesse – evidencia precisamente esta condição, ao ligar esse tipo de conhecimentos/interesses culturais a estadias de longa duração, diferentes do que se tem consagrado como prática turística (Hogg, 1954, p. 105):

No regresso depois de uma estadia prolongada numa cidade, uma estadia talvez de semanas ou de vários meses, sem dúvida, serão os principais aspetos da cidade os que predominarão na memória: os museus exclusivos dessa cidade; as peças vistas e os concertos assistidos; os tesouros arquitetónicos; as cerimónias peculiares ao lugar. Mas, numa visita fugaz, uma visita de alguns dias ou de uma semana no máximo, são as características menores as que enchem a memória<sup>22</sup>.

As características das artes plásticas favorecem a sua entrada no discurso turístico, facto que deve ser ligado ao interesse – ou seleção – dos guias por elementos visuais; ‘Ce qu’il faut voir au Portugal’ é precisamente o título de uma secção nas diferentes entregas de Les Guides Bleus e fórmulas semelhantes podem ser localizadas em muitas outras obras. A prática turística estrutura-se precisamente em torno de dois elementos interligados: o olhar e o passeio (dirigido), que deriva na observação em movimento. A importância do ‘ver’ (quadros, monumentos, paisagens...) nas atividades turísticas (Urry, 1990) – e, em geral, o crescente peso do visual nas sociedades contemporâneas – limita a presença de património imaterial neles, ficando este praticamente restringido a lendas ou episódios anedóticos que ilustrem ou recreiem, habitualmente também segundo códigos pré-estabelecidos que têm

a ver, com muita frequência, com a representação nacional, segundo será exposto a continuação.

Face a aludida importância concedida às artes plásticas neste tipo de materiais, o facto de negligenciar a literatura pode ser explicado através de vários fatores: em primeiro lugar, esta afasta-se das convenções da prática turística e pode demandar mais conhecimentos (culturais, linguísticos, etc.) para o seu usufruto, mas também a sua principal concretização, o ato de leitura, pode ser realizado em qualquer espaço, não necessariamente o país/lugar de visita. A escassez de informações literárias nos guias turísticos consultados contrasta, aliás, com o progressivo desenvolvimento nas últimas décadas do turismo literário que procura preencher precisamente estes vazios através da configuração de produtos distintivos num setor dominado pela alta competitividade e que explora uma ideia tenuemente exposta nestes materiais: a literatura como um elemento mais para a edificação de imaginários e para atuar como apelo turístico. De outro modo, caberia perguntar-nos se esta tendência à invisibilidade das formas culturais não afeta também a outras manifestações como o cinema ou a música (a exceção daquelas fórmulas mais promovidas e difundidas entre o público visitante e que, no caso de Portugal, se concretiza principalmente no fado).

Não obstante, a prática desapareição da literatura nos guias turísticos, embora responda à lógica já exposta, deve também ser lida a partir das suas consequências. Assim, esta diluição vai habitualmente acompanhada da carência de qualquer outra referência cultural – fora das artes plásticas –, o que significa a anulação de uma parte importante da identidade portuguesa. O caráter sintético, prático e inclusive a sua condição de materiais destinados preferentemente a visitantes estrangeiros pode contribuir para uma leitura superficial deste problema, porém, é necessário ressaltar que tanto a produção de discursos como as próprias práticas turísticas não funcionam de maneira isolada à própria sociedade anfitriã.

Ainda e apesar de tratar-se de uma tendência geral, a existência de materiais entre o corpus selecionado que focam conjuntamente a Península Ibérica permite contrastar, embora timidamente, a projeção realizada pelos distintos países. Em concreto, na obra de Clark (1953) é realizada uma seleção de personalidades destacadas, com resultados muito diferentes para os casos português e espanhol. Neste último e entre os “Nomes relevantes não reais”<sup>23</sup>, alude-se a pintores ou escritores como Unamuno, Zorrilla, Velázquez, Lope de Vega, Goya ou Dali (Clark, 1953, p. 42-48); mas, no caso português, são selecionados apenas os ‘Exploradores

<sup>22</sup>“On one’s return after a prolonged stay in a city, a stay perhaps of weeks or of several months, it will no doubt be the major aspects of the city that predominate in the memory: the museums exclusive to that city; the plays seen and concerts attended; the architectural treasures; the ceremonies peculiar to the place. But a fleeting visit, a visit of a few days or a week at most, it is the lesser features which fill the memory”.

<sup>23</sup>“Non-royal names of note”.

brilhantes de Portugal<sup>24</sup>, com a única exceção (relativa) de Camões, sobre o qual é precisamente destacada a sua participação nestes factos históricos (Clark, 1953, p. 48-49):

Luiz Vaz de CAMÕES (ou CAMÕES, 1524-79) é devidamente incluído como explorador, embora, é claro, é muito mais conhecido como o poeta mais célebre de Portugal, deixando a sua obra-prima mundialmente conhecida, *Os Lusíadas*, uma peça épica que honra principalmente as viagens de descoberta feitas pelo seu compatriota Vasco da Gama. Camões estabeleceu firmemente a língua portuguesa, assim como Chaucer estabeleceu o inglês, ou Dante e Boccaccio o italiano. Como explorador-aventureiro, teve suficientes experiências pessoais de natureza agitada no Extremo Oriente de Portugal para lhe dar os melhores ingredientes possíveis para temperar a sua obra-mestra<sup>25</sup>.

Precisamente, a presença da literatura nos materiais turísticos surge preferentemente ligada à representação nacional: “A sua literatura é, portanto, a afirmação desse sentimento nacional: expressa as diferentes fases da trajetória histórica que este povo conheceu”<sup>26</sup> (Barbey, 1989, p. 107). A tendência a expor conexões entre os aspetos destacados e o referente da nação é constante nestas obras que procuram assim evidenciar o ‘distintivo’ ou ‘característico’ de cada realidade, selecionando nalguns casos aqueles elementos percebidos como mais exóticos, como pode acontecer no caso da lenda de Inês de Castro. Esta dimensão da informação literária fica evidenciada na própria seleção e informações sobre Camões já aludidas; contudo, o destaque de determinadas obras ou autores está também ligado a esse relato nacional que os materiais turísticos têm interesse em acompanhar (Baedeker, 1898, p. 552 – grifo do autor):

Leiria (sic) foi o berço do poeta Francisco Rodrigues Lobo (1500 d.C.), cuja principal obra, *O condestable* (sic) *do* (sic) *Portugal*, comemora o herói da batalha de Aljubarrota<sup>27, 28</sup>.

Não obstante, a identidade coletiva portuguesa parece centrar-se de forma quase exclusiva na época

dos descobrimentos como período de grande valor que confere unidade e importância ao país e à sua população, o que provoca o esvaziamento de outras realidades históricas e culturais, também – mas não só – nos materiais turísticos. Ainda, esta leitura em chave nacional anula realidades que não se ajustem ou ponham em risco este esquema, como a existência de produção literária em castelhano da autoria de Camões ou Gil Vicente, nunca referida nos guias.

Além da reprodução de alguns tópicos sobre a literatura portuguesa – “A poesia, que é a expressão natural do génio português [...]”<sup>29</sup> (Ambrière, 1953, p. XCIX) –, os materiais turísticos oferecem um outro elemento para perceber os relacionamentos entre culturas na contemporaneidade. Trata-se de fenómenos de ‘tradução cultural’ que pretendem procurar equivalências sobretudo entre os nomes de autores oferecidos e referentes próximos e/ou reconhecíveis pelo público de destino da obra. Desta maneira e por referir apenas alguns exemplos, Camões é equiparado ou posto em relação com Lope de Vega, Homero, Montesquieu, Virgílio, Shakespeare, Racine e Leopardi (Ambrière, 1953) ou com Cervantes, Shakespeare e Rabelais (Barbey, 1989); Eça de Queirós com Flaubert (Monmarché, 1935); Almeida Garrett com Walter Scott (Ambrière, 1953); Júlio Dinis com Dickens (Ambrière, 1953); Pessoa com Kafka e Joyce (Barbey, 1989); e Gil Vicente recebe o tratamento de “[...] o ‘Plauto português’”<sup>30</sup> (Tuohy, 1970, p. 151).

Se este estudo pretendeu principalmente abrir novas linhas de investigação em torno à interação entre literatura e turismo, as conclusões oferecidas nos parágrafos anteriores deixam constância do interesse e vigor desta proposta investigadora. Futuros estudos tentarão aprofundar nestas reflexões mediante a progressão no quadro temporal, a introdução de perspetivas comparadas entre materiais de diferentes países, a focagem por cidades, a discriminação segundo o tipo de público procurado ou a procura das fontes que orientam o cânone reproduzido. Algumas das questões a enfrentar têm a ver com a introdução dos nomes de Pessoa ou Saramago nos materiais turísticos e a consequente relocalização da posição e funções atribuídas a Camões; mas também a reflexão sobre as novas faces da identidade portuguesa projetada através do turismo no século XXI.

<sup>24</sup>“Portugal's brilliant explorers”.

<sup>25</sup>“Luiz Vaz de Camões (or Camões; 1524-79) is properly includable as an explorer, though of course he is much more widely known as Portugal's most celebrated poet, leaving as his world-known masterpiece *The Lusíads*, an epic chiefly honoring voyages of discovery made by his kinsman Vasco da Gama. Camões firmly established the Portuguese language, much as Chaucer had established English, or Dante and Boccaccio Italian. As an explorer-adventurer he had sufficient personal experiences of stirring nature in Portugal's Far East to give him the best possible ingredients with which to spice the masterwork”.

<sup>26</sup>“Sa littérature est donc l'affirmation de ce sentiment national: elle exprime les différentes phases de la trajectoire historique que ce peuple a connues”.

<sup>27</sup>A batalha de Aljubarrota (1385) é considerada um dos momentos fundadores da nação portuguesa com a derrota dos castelhanos e a afirmação de Portugal como reino independente.

<sup>28</sup>“Leiria (sic) was the birthplace of the poet *Francisco Rodrigues Lobo* (b. ca. 1500), whose chief work, *O condestable* (sic) *do* (sic) *Portugal*, celebrates the hero of the battle of Aljubarrota”.

<sup>29</sup>“La poésie, qui est l'expression naturelle du génie portugais [...]”.

<sup>30</sup>“[...] the ‘Portuguese Plautus’”.

## References

- Ambrière, F. (Ed.). (1953). *Portugal. Madère-Açores* [Coleção Les Guides Bleus]. Paris, FR: Librairie Hachette.
- Ambrière, F. (Ed.). (1973). *Portugal. Madère-Açores* [Coleção Les Guides Bleus]. Paris, FR: Librairie Hachette.
- Baedeker, K. (Ed.). (1908). *Espagne et Portugal: manuel du voyageur*. (2a ed.). Leipzig, DE; Paris, FR: Karl Baedeker, Paul Ollendorff.
- Baedeker, K. (Ed.). (1920). *Espagne et Portugal: manuel du voyageur*. (3a ed.). Leipzig, DE: Karl Baedeker Éditeur.
- Baedeker, K. (Ed.). (1898). *Spain and Portugal: handbook for travellers*. Leipzig, DE: Karl Baedeker.
- Baginha, J. (1911). *Guia do excursionista e banhista com indicação dos pontos dignos de visitar nas principais estações, praias e therma*. Lisboa, PT: J. Baginha.
- Barbey, A. (Ed.). (1989). *Portugal. Madère-Açores* [Coleção Les Guides Bleus]. Paris, FR: Librairie Hachette.
- Bourdieu, P. (1983). The field of cultural production or the economic world reversed. *Poetics*, 12(1), 311-356.
- Clark, S. (1953). *All the best in Spain and Portugal* [Coleção Sidney Clark Travel Book]. New York, NY: Dodd, Mead & Company.
- Costa, L. M. (1913). *Manual do viajante em Portugal* (4a ed.). Lisboa, PT: Tipografia da Gazeta dos Caminhos de Ferro.
- Costa, L. M., & Ornellas, C. (1930). *Manual do viajante em Portugal*. (6a ed.). Lisboa, PT: Tipografia da Gazeta dos Caminhos de Ferro e Revista Insular e de Turismo.
- Duval, M., & Duval, Y. (1975). *À la découverte du Portugal manuélin*. Verviers, BE: Marabout.
- Editorial Lusitana (Ed.). (1935?). *Portugal económico, monumental e artístico*. (v. 1 - Distritos de Viana do Castelo e Braga). S.l.: Editorial Lusitana.
- Editorial Lusitana (Ed.). (1939?). *Portugal económico, monumental e artístico*. (v. 3 - Concelho e cidade do Porto). S.l.: Editorial Lusitana.
- Editorial Lusitana (Ed.). (1940?). *Portugal económico, monumental e artístico*. (v. 2 - Distritos de Vila Real e Bragança). S.l.: Editorial Lusitana.
- Editorial Lusitana (Ed.). (1942?). *Portugal económico, monumental e artístico*. (v. 4 - Distrito de Aveiro). S.l.: Editorial Lusitana.
- Empresa Nacional de Navegação. (1907). *Guia do viajante em Portugal e suas colónias em África*. Lisboa, PT: Cristóvão Augusto Rodrigues.
- Fodor, E. (Ed.). (1952). *Spain and Portugal in 1952* [Coleção Travel Books]. New York, NY: David McKay.
- Fodor, E. (Ed.). (1963). *Espagne et Portugal* [Coleção Les guides modernes Fodor]. Paris, FR: Vilo.
- Fodor, E. (Ed.). (1960). *Spain and Portugal* [Coleção Fodor's modern guides]. London, UK: Newman Neame.
- García Canclini, N. (1989). *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*. México, DF: Grijalbo.
- Governo Português. (1913). *Sunny Portugal*. Lisboa, PT: Portuguese Government Tourist Department.
- Hogg, G. (1954). *Portuguese Journey*. London, UK: The Travel Book Club.
- Kite, C., & Kite, R. (1989). *Karen Brown's portuguese country inns & pousadas*. Londres, UK: Harrap Columbus.
- Martínez Tejero, C. (2016). Interseções entre turismo e literatura: o olhar turístico na construção do Portugal literário. Desenho da investigação e considerações sobre o corpus. In S. Rocha Relva, R. Morga-Tamosunas, & M. Gómez Bedoya (Eds.), *Association for contemporary iberian studies. Iberian interconnections – Conference Proceedings* (p. 79-94). Porto, PT: Universidade Católica Editora.
- Miranda, C., & Teodoro, M. (1989). *Guia turístico, cultural e artístico de Portugal*. (2a ed.). Lisboa: [s.n.].
- Monmarché, M. (Ed.). (1916). *Espagne et Portugal* [Coleção Les Guides Bleus]. Paris, FR: Librairie Hachette et Cie.
- Monmarché, M. (Ed.). (1931). *Portugal. Madère-Açores* [Coleção Les Guides Bleus]. Paris, FR: Librairie Hachette.
- Monmarché, M. (Ed.). (1935). *Portugal. Madère-Açores* [Coleção Les Guides Bleus]. Paris, FR: Librairie Hachette.
- Nojorkam. (1956). *Les Atlantiques. Pages Lusitanes*. Bruxelles, BE: Editions des Artistes.
- Pereiro, X. (2009). *Turismo cultural. Uma visão antropológica*. El Sauzal: ACA & PASOS, RTPC. Recuperado de <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosedita/PSEdita2.pdf>
- Philippon, H. (Dir.). (1956). *Portugal et Madère* [Coleção Vacances a l'étranger]. Paris, FR: La Fontaine.
- Pillement, G. (1965). *Le Portugal inconnu: itinéraires archéologiques*. Paris, FR: Bernard Grasset.
- Pillement, G. (1967). *Unknown Portugal*. London, UK: Johnson.
- Polanah, P. S. (2011). The zenith of our national history! National identity, colonial empire, and the promotion of the Portuguese Discoveries: Portugal 1930s. *e-Journal of Portuguese History*, 9(1), 39-62.
- Proença, R. (Dir.). (1991a). *Guia de Portugal. Volume I: Generalidades, Lisboa e arredores* (3a ed.). Lisboa, PT: Fundação Calouste Gulbenkian [Original de 1924. Lisboa: Biblioteca Nacional].
- Proença, R. (Dir.). (1991b). *Guia de Portugal. Volume II: Estremadura, Alentejo, Algarve*. (2a ed.). Lisboa, PT: Fundação Calouste Gulbenkian [Original de 1927. Lisboa: Biblioteca Nacional].
- Renault, G. (1957). *Portugal*. Lisboa, PT: Livraria Bertrand.
- Sant'Anna, D. (Dir.). (1993). *Guia de Portugal. Volume III, tomo I: Beira, Beira Litoral*. (3a ed.) Lisboa, PT: Fundação Calouste Gulbenkian [Original de 1944. Lisboa: Biblioteca Nacional].
- Sant'Anna, D. (Dir.). (1994a). *Guia de Portugal. Volume III, tomo II: Beira, Beira Baixa e Beira Alta*. (2a ed.). Lisboa, PT: Fundação Calouste Gulbenkian [Original de 1944. Lisboa: Biblioteca Nacional].

- Sant'Anna, D. (Dir.). (1994b). *Guia de Portugal. Volume IV, tomo I: Entre Douro e Minho, Douro Litoral*. (3a ed.). Lisboa, PT: Fundação Calouste Gulbenkian [Original de 1964. Lisboa: Biblioteca Nacional].
- Sant'Anna, D. (Dir.). (1995a). *Guia de Portugal. Volume V, tomo I: Trás-os-Montes e Alto-Douro, Vila Real, Chaves e Barroso*. (3a ed.). Lisboa, PT: Fundação Calouste Gulbenkian [Original de 1969. Lisboa: Biblioteca Nacional].
- Sant'Anna, D. (Dir.). (1995b). *Guia de Portugal. Volume V, tomo II: Trás-os-Montes e Alto-Douro, Lamego, Bragança e Miranda*. (3a ed.). Lisboa, PT: Fundação Calouste Gulbenkian [Original de 1970. Lisboa: Biblioteca Nacional].
- Sant'Anna, D. (Dir.). (1996). *Guia de Portugal. Volume IV, tomo II: Entre Douro e Minho, Minho* (3a ed.). Lisboa, PT: Fundação Calouste Gulbenkian [Original de 1965. Lisboa: Biblioteca Nacional].
- Seth, R. (1976). *Let's visit Portugal*. Ontario, CA: Burke.
- Secretariado Nacional de Informação [SNI]. (1950). *Cartilha da terra portuguesa*. Lisboa, PT: S.N.I.
- Sobański, O. (1976). *Portugalia: mały przewodnik turystyczny*. Varsóvia, PL: Krajowa Agencja Wydawnicza.
- Sociedade de Propaganda de Portugal. (1908). *Portugal: seus múltiplos aspectos como país de excursões*. Lisboa, PT: Imprensa Libânio da Silva.
- Sociedade de Propaganda de Portugal. (1915). *Portugal: clima, paisagens, estações termas, etc.* Lisboa, PT: Tipografia Universal.
- Teyssier, P. (1963). *Portugal* [Coleção Nous partons pour...]. Paris, FR: Presses Universitaires de France.
- Torres Feijó, E. (2008). A fabricação da identidade: da normalidade sistémica portuguesa à memória conflitiva de um processo emergente: o caso do Iluminismo na Galiza. *Quadrant*, 25(1), 311-324.
- Tuohy, F. (1970). *Portugal*. New York, NY: Viking Press.
- Urry, J. (1990). *The tourist gaze. Leisure and travel in contemporary societies*. London, UK: Sage Publications.
- Williams, A. M., Hall, C. M., & Lew, A. A. (2007). Contemporary themes and challenges in tourism research. In A. Lew, C. M. Hall & A. M. Williams (Eds.). *A companion to tourism* (p. 611-618). Oxford, UK: Blackwell Publishing.
- Zehnhoff, A. (1979). *Portugal: geschiedenis, kultuur en landschap*. De Bilt, NL: Cantecler.

Received on February 1, 2017.

Accepted on November 9, 2017.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.